

ANTROPOFAGIA [CULTURAL] NA AMÉRICA LATINA COLONIAL: UM RELATO DE VIAGEM

Melissa G. Boëchat¹

Resumo:

Este artigo se propõe levantar questões relacionadas ao período colonial latino-americano, em que as relações entre nativos e europeus se travavam em um conflito físico e cultural, tendo por base a antropofagia – costume que se observou com temor entre algumas tribos do chamado Novo Mundo e que, de forma metafórica, se aplica ao comportamento adotado pelo colonizador ao “devorar” as culturas prístinas do recém-descoberto continente. Dois autores do período – um olhar interior, de um indígena andino; um olhar exterior, de um arcabuzeiro alemão – constroem o imaginário sobre tal relação, abarcando aqui os dois sentidos da antropofagia que se pretende discutir neste trabalho, respectivamente, o de uma cultura devorada e o de um costume visto como bárbaro aos olhos do europeu do século XVI.

Palavras-chave: Antropofagia. Hans Staden. Felipe Guamán Poma de Ayala. América Latina Colonial. Construção de imaginários.

Em 1941, Cândido Portinari, pintor brasileiro de maior reconhecimento na cena artística internacional, receberia uma encomenda: a de ilustrar uma nova edição da obra de Hans Staden – a *Warhaftige Historia*, livro-diário de 1557 que o mercenário alemão escreveu em Hessen, na atual Alemanha, ao retornar de sua segunda viagem ao Brasil.

O pedido feito pelo editor norte-americano George Macy, entretanto, sofre uma brutal censura. O próprio Macy recusa os desenhos enviados por Portinari, em uma carta na qual se lê uma total incompreensão e a aversão, ainda que quatrocentos anos após o relato original, à cultura e às tradições prístinas dos nativos do Novo Mundo, bem como se identifica nela o imaginário que parece ter resistido ao longo dos séculos sobre os habitantes das chamadas “novas terras” (FABRIS in PARIS et ali, 1998, p.137):

Quando examinei pela primeira vez esse pacote de desenhos, pensei que o senhor estava tentando fazer pinturas que se pareceriam com as pinturas feitas pelos canibais que Hans Staden encontrou; [...] Penso que o senhor deu ênfase demasiada à carnificina e à brutalidade do livro; o livro não é totalmente repleto desse tipo de horror. [...] Eu estava esperando receber algumas paisagens simples do país no qual Hans Staden se encontrava quando foi capturado pelos canibais, e alguns desenhos simples ou litografias dos índios daqueles dias.

¹ Professora de Literaturas em Língua Espanhola - Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

Horror; brutalidade; carnificina. Os adjetivos concentrados em poucas linhas na carta que Portinari recebeu revelam muito daquilo que, no período colonial, marcou as ideias que se espalharam sobre os indígenas do Novo Continente. O costume da antropofagia, praticado pelos Tupinambás que mantiveram Hans Staden cativo por nove meses, é detalhadamente relatado pelo artilheiro alemão em seu livro, composto por duas partes: a primeira, dedicada à viagem e às aventuras do autor na tentativa de sobreviver ao ritual, entre aspas, brutal, nas palavras de Macy; e a segunda, dedicada à descrição da fauna, flora e outros costumes indígenas. Talvez fosse esta a parte que interessaria aos leitores norte-americanos, que, ao parecer, optaram por fechar os olhos a uma cultura diversamente outra, que lhes seria tão agressiva.

À primeira vista, belos, fortes e diferentes, julgados por sua aparência física; em um segundo momento, vistos como cruéis e sanguinários, canibais sem nenhuma piedade para com seus inimigos – seres associados aos antigos mitos das tribos de homens antropófagos com cabeça de cachorro –, os homens e mulheres do Novo Mundo causaram um forte impacto em seus visitantes. Para Hans Staden, um viajante em todos os sentidos, sua aventura partindo do Velho Mundo em direção ao Novo Continente em busca de oportunidades foi a representação de um encontro com um universo totalmente diverso e hostil, posto que sua armada naufraga e ele vive momentos de terror e de um quase encontro com a morte em meio ao *outro* selvagem, feroz e antropófago.

É fato sabido que, quando de sua chegada ao Novo Continente, o fato que mais impressionou os viajantes foi a beleza do corpo do nativo, tanto dos homens quanto das mulheres. Assim também sucedeu a Staden. A cor da pele e a perfeição dos corpos livres de doenças e de outras mazelas ocasionadas pelo estilo de vida decadente da Europa durante o século XV e seus anteriores – tais como as sucessivas epidemias de peste e a falta de higiene –, entre outros fatores, eram elementos de profunda admiração por parte do europeu, assim como a forma peculiar dos nativos de se enfeitarem para suas cerimônias.

Ainda em um primeiro momento de contato, também a admiração e curiosidade mútuas fizeram com que os nativos parecessem, aos olhos do colonizador, um povo extremamente receptivo e bondoso, desejoso de travar conhecimento com o *outro* de forma pacífica, recebendo o europeu com festas, presentes e abundância de alimentos, em troca, como também se sabe, de presentes trazidos por ele. Assim, desse primeiro contato e do que sobre tal momento se relatou, foi se conformando uma imagem de um povo “belo” e “inocente”, “pacífico” e “receptivo”.²

Ao princípio de sua narrativa, na dedicatória ao duque Philipp, de Hessen, Staden revela que a razão principal era agradecer a Deus por tê-lo livrado da morte em um ritual de antropofagia que seria performado por seus captivos, os índios tupinambás que o aprisionaram no Brasil, quando o viajante estava responsável pela defesa do forte de Bertioga, em Ubatuba, litoral paulista:

² Há, claro, que se considerar que, no caso da colonização espanhola, algumas tribos, por suas características guerreiras inerentes à própria cultura, não demonstraram a mesma receptividade ao colonizador espanhol.

Agradeço, pois, ao Creador onipotente dos céus, da terra e dos mares, a seu Filho Jesus Cristo e ao Espírito Santo, pela grande graça e misericórdia que, pela Santíssima Trindade, me foram concedidas maravilhosa e inesperadamente, quando eu, no Brasil, caí em poder dos selvagens, os tupinambás, ficando nove meses seu prisioneiro, e tendo escapado a muitos outros infortúnios. Estou grato porque após longa miséria, e supremos perigos, voltei, depois de muitos anos, ao principado de Vossa Serena Alteza, minha muito querida terra natal. (...) A Deus sòmente toda a honra! (STADEN, 1974, p.26)

Os Tupinambás, por interpretação fornecida pelo próprio Staden em seu relato de cativo, queriam devorá-lo por vingança, pois o confundiram com um *peró* (português), povo responsável pelo assassinato recente de um de seus guerreiros; de nada adiantaram as tentativas feitas pelo viajante de convencer a seus captores de que não era português, mas sim alemão, de uma terra aliada dos franceses – uma vez que estes e os Tupinambás eram, também, aliados. Mas devido ao fato de ter sido encontrado entre os portugueses, que os indígenas bem sabiam ser inimigos dos franceses, a estratégia de Staden mostrou-se infrutífera, principalmente após o testemunho de um francês de que o viajante era, realmente, *peró*.

Com o passar do tempo e um maior contato entre nativos e europeus, portanto, a cultura desse *outro* (seja ele indígena ou colonizador) se tornava mais clara e, por consequência, estranha aos olhos dos que não a vivenciavam. De um lado, o estilo de vida do europeu, sua agressividade ao tomar à força as mulheres e os bens naturais que a terra oferecia, explorando a mão de obra indígena para esse fim, e ainda as doenças por ele trazidas, fizeram com que o nativo passasse a ver aqueles seres inicialmente “divinos” com desconfiança e temor.

Por outra parte, o estilo de vida indígena, que se desinteressava pelo acúmulo de riquezas, retirando da natureza apenas o necessário para seu próprio sustento, e suas manifestações culturais e religiosas envolvendo alguns costumes “bárbaros” aos olhos do colonizador, tal como a prática da antropofagia, serviram como justificativa mais que suficiente para que se iniciasse então um processo violento de dominação sobre os povos que, de um momento a outro, passaram a ser mais selvagens do que dignos de admiração. Tribos inteiras eram dizimadas e grande parte da cultura e da história dessas civilizações foi devorada durante os primeiros anos das colonizações espanhola e portuguesa no novo continente.

Como ritual, em seu sentido real, a antropofagia chega ao europeu como uma prática estranha e cruel dos povos do Novo Mundo. Ao registrar iconograficamente a morte de um índio carijó, prisioneiro dos Tupinambás, o realizador das imagens de *Warhaftige Historia*, sob a orientação de Staden e com base em seus rascunhos, apresenta a vítima quatro vezes na mesma imagem, desde a tentativa de sangramento feita pelo viajante alemão no intuito de salvar-lhe a vida até o momento final de seu esquartejamento e cozimento. Aqui, vê-se um exemplo claro, dentro das possibilidades permitidas pelas técnicas de gravuras da época, do costume da antropofagia entre os indígenas Tupinambás: ³

3 A imagem intitula-se “Morte de um escravo carijó”



Fig.23 A morte do escravo Carijó e como o comeram.

Imagens eram, à época, um importante recurso didático, posto que compreensíveis até para os analfabetos, que não eram poucos. A gravura narra o ritual de forma circular, iniciando-se na parte superior da ilustração e construindo sua narratividade em sentido anti-horário, até fechar-se com a imagem da cabeça do escravo sendo lavada no rio pelas mulheres da tribo. Já o texto do capítulo 39, ao qual a imagem se refere, não relata o ritual com a mesma riqueza de detalhes que podemos perceber na imagem que, justamente pela simultaneidade representativa, transmite ao leitor a ideia do evento antropofágico como um processo, e não apenas como ações isoladas sem um sentido específico, como se poderia pensar à época. Tal fato carrega em si, por exemplo, a ideia de organização dentro da sociedade Tupinambá, na qual as mulheres são responsáveis por retirar os membros da vítima para depois prepará-los para o cozimento, conforme a tradição da tribo.

Ao eliminar as tradições nativas, eliminavam-se também – e por consequência – parte da história e da memória desses povos autóctones. A cultura original das tribos do Novo Mundo foi-se perdendo, devorada – metaforicamente – em meio à onda violenta de opressão social e religiosa imposta pelos colonizadores. A Igreja Católica, por meio da Companhia de Jesus – assim como de outras instituições religiosas cristãs presentes no Novo Mundo –, impunha suas crenças e condenava fortemente a tradição mítica e natural dos indígenas. Passou-se de uma catequização pacífica, a princípio, a um posterior cenário de guerra; os religiosos já não tinham mais o poder de interromper a violência do processo de colonização que se desvirtuou em poucos anos. Suas missões eram usadas em prol do interesse exploratório colonizador.

Mesmo demonstrando a antropofagia entre outras culturas, vários cronistas da colonização, como André Thévet, associaram o costume à vingança e reparação entre as tribos indígenas, o que piorou ainda mais a imagem que se construía sobre o nativo. Nem mesmo o humanismo de Michel de Montaigne e os relatos de outros religiosos hoje ainda pouco conhecidos foram capazes de retirar das costas dos “selvagens” o peso da crueldade que lhes fora imputado pela diferença cultural existente entre viajantes e indígenas. A curiosidade sobre aqueles seres “pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos [e que andavam] nus, sem cobertura alguma”, como os identificou pela primeira vez Pero Vaz de Caminha mesclava-se ao medo do desconhecido e também ao imaginário construído a pluma e tinta pelos relatos dos viajantes.

Após a publicação dos textos de Hans Staden e de outros visitantes que estiveram nas novas terras, várias foram as representações – em imagem e letra – sobre os povos “bárbaros” encontrados ali. Algumas gravuras de Theodor de Bry – as relativas ao seu terceiro volume das *Grandes Viagens* (que tem como temática o cativo de Hans Staden entre os Tupinambás) – foram baseadas nas xilogravuras da *Warhaftige Historia*, registrando a execução de prisioneiros pelos índios daquela tribo, entre outras cenas “de horror” que ilustravam os “costumes comuns” praticados naquelas terras.

Algumas considerações positivas, outras negativas; ia-se constituindo um imaginário a partir das descrições feitas e pela observação das imagens presentes nos relatos dos viajantes, sobre aqueles homens exóticos e exuberantes, de características extremamente positivas quando dentro de suas próprias sociedades, e cruéis com seus inimigos.

Significativa é, também, a visão sobre o processo colonizatório fornecida por Felipe Guamán Poma de Ayala. Este indígena andino, falante do quéchuá e também conhecedor da língua espanhola, em sua obra *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno* (1617) difere as tribos indígenas andinas de sua nomenclatura abrangentemente comum – incas –, explicando que estes eram cruéis com os demais grupos que habitavam o território das cordilheiras, o que terminou por justificar a facilidade com que os espanhóis conquistaram aquela região: pelas frequentes guerras entre os diversos grupos autóctones, as tribos locais subjugadas aos incas terminaram por lutar contra estes, posicionando-se a favor do europeu durante a colonização espanhola, o que ocasionou a derrota da hegemonia incaica com a morte de Atahualpa em Cajamarca, episódio relatado por Guamán na primeira parte de sua *Nueva Corónica*.

A partir da leitura de Guamán Poma ingressamos na outra forma de antropofagia – a cultural/ metafórica – proposta neste artigo. Se houvesse sido lido no período em que foi concluído, talvez o manuscrito de Guamán Poma – perdido durante três séculos e resgatado no início do século passado, na Biblioteca Real da Dinamarca – tivesse gerado outra ideia sobre os habitantes do Novo Mundo. Escrita por um nativo, a imagem que se tem hoje ao ler a narrativa epistolar de Guamán Poma, composta por 1180 páginas e 397 desenhos, é a de uma civilização completamente organizada e estruturada, com sólidas bases administrativas e religiosas, que em nada ficava a dever ao colonizador espanhol. O resultado de uma construção simbólica baseada apenas no olhar do europeu ocasionou, portanto, uma leitura sobre os povos autóctones muitas

vezes diversa da realidade, não apenas por diferir da cultura europeia, mas também por não ter sido relatada em todas suas nuances, dificultando a compreensão de tradições que terminaram por ser julgadas como costumes bárbaros de um povo sem Deus.

As diversas tribos existentes ao longo de todo o território recém-descoberto eram bastante diferentes em seus costumes e modos, mas apresentavam várias coisas em comum – entre elas, a ausência da escrita. Apesar de não possuir um alfabeto estruturado, os nativos andinos registravam, por exemplo, sua história, memória e outros dados em tecidos e *quipos*, em formas geométricas, desenhos e nós dados em cordas, de diferentes tamanhos, cores e altura. Deste modo, a memória que se julgou perdida pela falta da palavra escrita estava presente, portanto, em outras formas de registro, que ainda hoje historiadores e arqueólogos têm descoberto e que o colonizador não conseguiu apagar.

A memória possui uma forte ligação com o imaginário, que se define como uma “representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu”. Há nesta explicação muito do que afirma Pierre Janet⁴, quando considera que o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’, que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. (FLORÈS in LE GOFF, 2003, p.421)

Logo, assim como o imaginário é a representação de algo em sua ausência, ou seja, a criação de uma ideia a partir de outras informações que não são o objeto criado em si (neste caso, o território que se convencionou chamar posteriormente América Latina, ideado pelos leitores de Staden, imaginado e reproduzido por ele e por Guamán a partir da linguagem verbal e iconográfica), a memória geradora desse imaginário traduzida para a letra foi responsável – por meio da própria ausência do verídico, do cotidiano – pela constituição desse novo universo para o europeu.

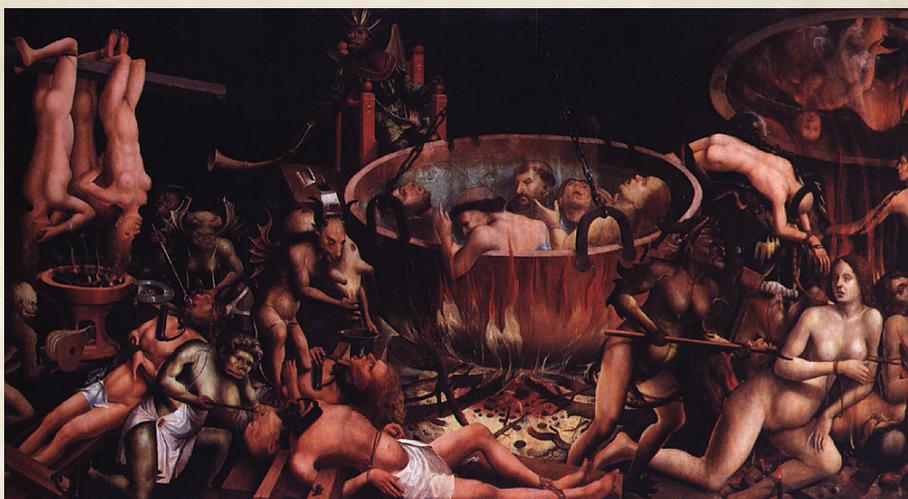
As gravuras de De Bry e outros relatos posteriores fundamentados nas viagens de Staden são, portanto, parte desse imaginário constituído por meio de sua narrativa; são, em si, originários (pela memória) e dão origem ao que passou a ser o Novo Continente, seus povos e seu estilo de vida aos olhos do Velho Mundo.

A passagem de uma imagem de paraíso a uma percepção de que a nova terra mais se assemelhava àquilo que a tradição cristã definia como inferno deu-se a passos largos, com a visão de cada animal diferente e assustador, e com o encontro – nada afável – com a selvageria dos indígenas “cruéis”, “sanguinários” e “devoradores de carne humana”.⁵ A aventura da descoberta do paraíso passava a assemelhar-se, cada vez mais, a uma aventura de terror que os viajantes, sem opção, eram obrigados a empreender.

4 Citado por Florès (1972, p.12) em *História e Memória*, de Jacques Le Goff.

5 Cabe lembrar que “o corpo e o sangue de Cristo” também trazem em si um ritual antropofágico em sentido metafórico, que nada de estranho, brutal ou cruel parecia ao olhar europeu.

Uma pintura de autor desconhecido⁶ denominada *Inferno*, datada do princípio do século XVI (mais exatamente no período compreendido entre os anos 1505 e 1530, segundo informações do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, onde o quadro encontra-se em exposição permanente) faz uma claríssima alusão a essa imagem de selvageria e crueldade, por meio da representação de indígenas nus, associados a formas demoníacas e animais, cozinhando figuras da igreja em um enorme caldeirão, ao centro da imagem – o que demonstra que não apenas a visão idílica do bom selvagem e do mito de pureza e paraíso terrestre imperava sobre os imaginários criados sobre o Novo Continente durante o período da colonização:



Foi justamente dentro desse contexto que a religiosidade do europeu, já tão abalada durante a transição das trevas da Idade Média para a Modernidade, jogou um papel fundamental tanto na busca pela sobrevivência quanto nos relatos sobre as experiências vividas nos primeiros momentos da colonização. Dessa forma, mencionar aqui a vertente histórico-religiosa foi necessário para o processo de compreensão das relações que estabelecemos, para que as duas obras em questão pudessem funcionar como amostras sobre o intrincado processo antropofágico – nos dois sentidos propostos – sobre a construção do imaginário sobre a América Latina.

⁶ Inserimos, aqui, a explicação sobre a pintura, conforme consta no catálogo do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa: “No Inferno que um autor português não identificado pintou no século XVI reúnem-se imaginários recorrentes do mal, do medo e do castigo. À tradição medieval da representação de demônios e de figuras de distintos grupos e estatutos sociais junta-se a novidade da representação do nu, em toda a sua evidência, e da figura exótica que dá corpo ao príncipe emplumado dos demônios, provavelmente um índio brasileiro, que preside ao grande teatro dos condenados. A própria composição reforça o sentido infernal do sofrimento, encadeando os corpos uns nos outros através de um esquema bem legível que os distribui por um arco que abraça o caldeirão circular onde, ao centro, fervem os clérigos. Este grande arco prende-se, à esquerda, na notável representação dos três nus femininos suspensos da trave e, à direita, difunde-se na grande abertura circular por onde chegam os culpados, a chamada boca do Inferno. Para além do exaustivo inventário de pecados, castigos e objectos de martírio, o aplicado exercício de pintura explora outros inquietantes aspectos – a ambivalência dos corpos e as máscaras caricaturais dos diabos carrascos. Este impiedoso mundo subterrâneo contido numa raríssima pintura, parte presumível de um retábulo, aguarda que se faça luz sobre a sua origem.” (<http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/exposicao%20permanente/outras%20obras%20essenciais/ContentDetail.aspx?id=148>)

Hans Staden nos apresenta o indígena capturado por seu olhar estrangeiro; Guamán Poma nos mostra o indígena por seu olhar ora indígena, ora influenciado por sua vivência entre os espanhóis e, ainda, por suas leituras. Imaginários à parte, também o autóctone antropófago de Staden tinha sua ordem estabelecida – ordem que o autor alemão também relata na segunda parte de sua narrativa. Cruel ou bondoso, humilde ou guerreiro, talvez o habitante do Novo Mundo respondesse afirmativamente à proposta de Aristóteles, em sua *Política*, sobre a ‘servidão natural’, em que a mente comanda o corpo, o entendimento comanda os afetos e o senhor comanda o escravo, obedecendo a uma extensão natural aplicável à nova situação da colonização, em que o viajante supostamente comandaria o aborígene.

Nesse jogo de poder, fato é que a ficção criada em torno do novo território foi o que acabou por dominar o imaginário que o constituiu, assim como dominou os povos autóctones, infiltrando o europeu na própria cultura nativa e devorando-a, transformando-a, ressignificando-a e, por fim, dela tirando proveito a favor de seus propósitos.

Montaigne (1972, p. 105) afirma que o julgamento que se faz do outro é algo corrente e natural, ainda que não concorde com tal fato, justificando tal atitude: “só podemos julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que vivemos.”

É importante lembrar que, para os autores aqui em questão, a noção do que seria real ou verídico – a saber, o cotidiano, as práticas, os costumes e os usos de uma dada sociedade – não se confundia com a noção de imaginário, uma vez que para eles, como se pode perceber pelo discurso enunciado em seus textos, suas narrativas eram o reflexo da própria realidade que estavam ajudando a criar e da qual participavam ativamente. O ato da escrita – manifestado em várias instâncias na zona de contato criada em território colonizado no século XVI, e consequência natural, para os referidos autores, de sua vivência e do resgate de sua própria memória – era um passo a mais no caminho que traçavam para o registro de mais algumas páginas da história do maior encontro já realizado por duas sociedades tão diversas: o antigo mundo europeu – com suas tradições, religiosidade exacerbada (e que, na época, ainda se encontrava imerso em vários e graves conflitos) e valores pautados na ótica da obtenção de riquezas, do lucro a partir da exploração, da extração de metais preciosos como o ouro e a prata – e o Novo Mundo, também repleto de tradições, mas com valores religiosos e culturais completamente diferentes dos europeus e nada focado na obtenção e manutenção dos bens materiais tão cobiçados pelo colonizador.

Esse imaginário, ou imaginários, de acordo com os conceitos desenvolvidos por Gilbert Durand, Claude Lévi-Strauss e outros estudiosos que serviram como base para este trabalho, são construções que partem justamente do encontro e do embate de culturas diversas. Este encontro – que se deu no mundo real e também naquele criado pela literatura, e a partir do qual as sociedades envolvidas na zona de contato por ele criada forjaram um terceiro universo –, possibilitou que ditas sociedades passassem a ver ao *outro* de acordo com o filtro de suas próprias experiências e, assim, fundaram também imaginários sobre si mesmas a partir do confronto com

‘o que eu não sou’, que elas travaram com esse mesmo *outro*. Escrevia-se, simbolicamente, a história desse encontro. Inscreviam-se, portanto, imaginários em torno de mundos e costumes desconhecidos nas mentes do Velho Mundo.

Como se pode perceber, a literatura recebida em território europeu sobre o Novo Continente aportava múltipla e variada informação sobre a Nova Terra, e foi em um processo de unir, como em uma colcha de retalhos, relatos e imagens, que o habitante do Velho Continente foi inventando a América Latina, principalmente aproveitando-se de já existentes ideias pré-concebidas a respeito da existência de vários mitos e histórias que terminaram por comprovar-se (ainda que forçosamente) quando da empresa colonizadora. Para Edmundo O’Gorman,

[o] mal que está na raiz de todo o processo histórico da ideia do descobrimento da América consiste no fato de se ter suposto que esse pedaço de matéria cósmica, que agora conhecemos como continente americano, terá sido isso sempre, quando em realidade só o foi a partir do momento em que se lhe atribuiu essa significação e deixará de o ser no dia em que, por alguma mudança na atual concepção do mundo, já não se lhe atribua. (O’GORMAN, 1992, p. 63)

Assim, animais desconhecidos eram bestas monstruosas; nativos antropófagos eram a representação da tribo de homens com cabeça de cachorro e devoradores de carne humana; a atual América espanhola correspondia à esperança de encontrar o Eldorado; as terras hoje conhecidas por Brasil foram facilmente associadas ao paraíso na terra, e assim por diante. Tudo se constituía em um duplo movimento de resgate memorialístico de um imaginário anterior à ‘descoberta’ e sua posterior associação ao que se encontrava e relatava sobre o Novo Mundo, em um processo, portanto, ao mesmo tempo de descobertas, conhecimento e autoconhecimento, de invenção de uma terra e de seus povos. O que esse território realmente era ou representava é uma realidade inalcançável, pela natureza de sua constituição a partir da literatura criada a partir do século XVI.

Referências

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Cmy. Brasília: EDUNB, 1997.

AYALA, Felipe Guamán Poma de. *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno [1615]*, editado por Franklin Pease G.Y. Vocabulário e traduções do quechua por Jan Szeminski. 3 volumes. Lima: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno [1615]*. Disponível em versão digital em <<http://www.kb.dk/elib/mss/poma/>>. Acesso em 10/08/2006.

CAMINHA, Pero Vaz. Carta. Edição de base: *Carta a El Rei D. Manuel*. Dominus: São Paulo, 1963. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>>. Acesso em 23/07/2010.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso – o Novo Mundo*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Canibais*. Coleção “Os Pensadores”. vol. XI. São Paulo: Abril, 1972. p. 104-110.

O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. Tradução de Ana Maria Martinez Corrêa e Manuel Lelo Bellotto. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

ORBEMEIER, Franz. Die Illustrationen in Stadens Wahrafftige Historia von 1557. In: **Martius-Staden Jahrbuch** nº 53. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2006. pp. 35-50.

PARIS, Mary Lou; OHTAKE, Ricardo (orgs.). *Portinari devora Hans Staden*. São Paulo: Terceiro Nome, 1998.

_____. *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. Tradução de Angel Bojadsen. São Paulo: Terceiro Nome, 1999.

STADEN, Hans. *The true history of his captivity*. Translated and edited by Malcolm Letts. London: George Routledge & Sons, 1928.

_____. *Duas viagens ao Brasil*. Tradução de Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

_____. História Verídica. In: PARIS, Mary Lou; OHTAKE, Ricardo (orgs.). *Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. Tradução de Angel Bojadsen. São Paulo: Terceiro Nome, 1999, p. 36 - 117.

_____. *Duas viagens ao Brasil/ Hans Staden*. Tradução de Alberto Löfgren. São Paulo: Beca Produções, 2000.

_____. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Alberto Löfgren. São Paulo: Martin Claret, 2006.

THÉVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.